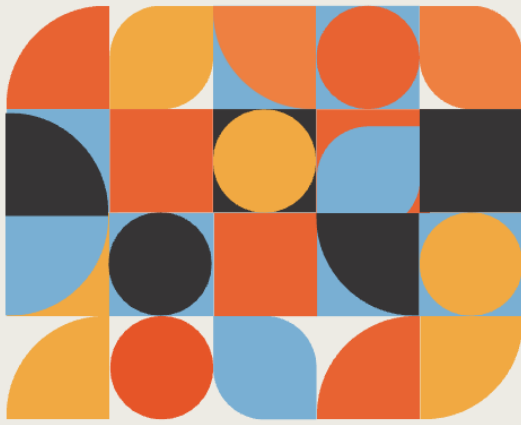




A DITADURA ESTÉTICA NA MODA

Por uma perspectiva sensível sobre o corpo gordo feminino

Poci, Bárbara Valle; Mestranda (PUC-Rio); SENAI CETIQT, bpoci@cetiqt.senai.br¹

Mont'Alvão, Cláudia; Doutora; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cmontalvao@puc-rio.br²

Portinari, Denise Berruezo; Doutora; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, denisep@puc-rio.br³

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a ditadura estética dos corpos no universo da moda que valoriza corpos esbeltos e exclui outras formas corporais, especialmente o corpo gordo feminino. Aborda questões como gordofobia e exclusão, que são resultantes desses padrões preestabelecidos, ressaltando o papel da moda na construção social da beleza. Defende a inclusão e a diversidade como caminhos possíveis, enfatizando o poder transformador da moda na quebra de estigmas corporais.

Palavras-chave: Design de moda, corpo gordo, inclusão.

ABSTRACT

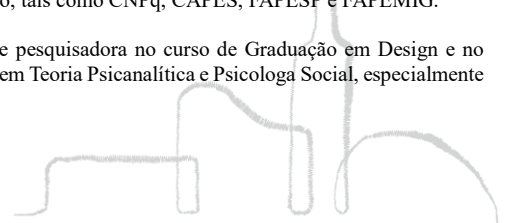
This article proposes a reflection on the aesthetic dictatorship of bodies in the fashion context, which values slender bodies and excludes other body shapes, especially the overweight female body. It addresses issues such as fatphobia and exclusion, which result from these pre-established standards, highlighting fashion's role in the social construction of beauty. It advocates for inclusion and diversity as possible paths forward, emphasizing fashion's transformative power in breaking down body stigmas.

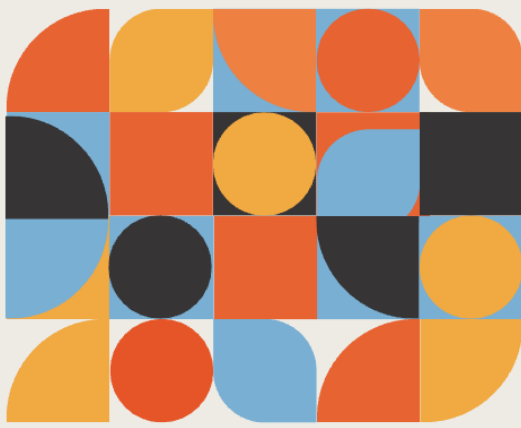
Keywords: Fashion design, fat body, inclusion.

¹ Profissional com sólida formação e experiência multidisciplinar em design de moda. Mestranda em Design pela PUC-Rio (2024), possui especialização em Design de Estamparia (Senai Cetiqt/2011), é bacharel em Jornalismo (Facha/2007), tecnóloga em Estilismo para Confeção Industrial (Senai Cetiqt/1999), e técnica em Confeção do Vestuário (Senai Cetiqt/1996). Atua como docente universitária no Senai Cetiqt e outras instituições, com foco em modelagem, ergonomia, criação e pesquisa.

² Doutora em Engenharia de Transportes (UFRJ), com experiência internacional comprovada. É professora e pesquisadora da PUC-Rio, com atuação destacada em ergonomia, usabilidade e UX. Coordena o Laboratório LEUI da PUC-Rio desde 2002 e lidera eventos e publicações como o ERGODESIGN USIHC (desde 2000), e é editora-chefe da Revista Ergodesign HCI. Contribui ainda como consultora ad hoc de várias agências de fomento, tais como CNPq, CAPES, FAPESP e FAPEMIG.

³ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio com estágio sanduíche na New School (EUA). É professora e pesquisadora no curso de Graduação em Design e no Programa de Pós-Graduação em Design da mesma instituição. Tem experiência na área de psicologia com ênfase em Teoria Psicanalítica e Psicologia Social, especialmente nas áreas de Estudos de Corpo, Gênero e Sexualidade.





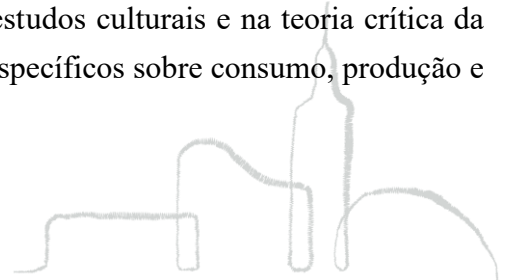
1. INTRODUÇÃO

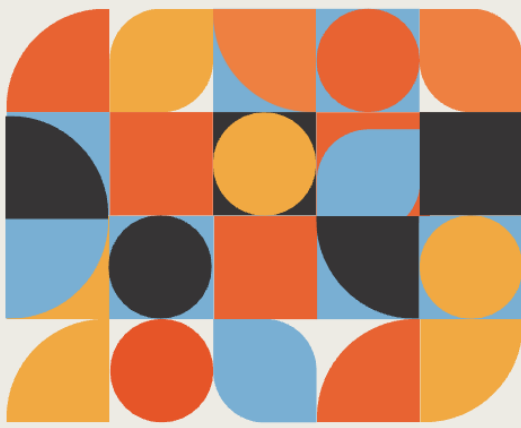
A moda configura algo que vai muito além do simples ato de vestir. Para Lipovetsky (2013), a moda não é apenas uma questão de vestuário, mas um reflexo abrangente das transformações sociais e culturais. Logo, entendendo o conceito de moda no seu aspecto mais amplo, onde o designer de moda constitui um papel importante na sociedade considerando o seu poder de ativar essas transformações, voltamos a atenção para o corpo que é o suporte da roupa e veículo de comunicação da moda. O objetivo aqui é trazer uma reflexão sobre a ditadura estética dos corpos dentro do universo da moda, considerando um olhar mais sensível para o corpo gordo feminino com relação a sua representatividade e inclusão. A pesquisa busca refletir sobre os impactos dos padrões estéticos da moda e propor caminhos para um design de moda mais inclusivo, sensível e alinhado a diversidade corporal que o Brasil apresenta.

O termo “ditadura estética” aqui apresentado está relacionado as amarras e aos padrões de beleza impostos durante décadas a figura feminina na moda, e não a “ditadura militar” propriamente dita que aconteceu na década de sessenta impondo regimes não democráticos, onde muitos cidadãos sofreram represálias excessivas e desnecessárias. A represália com relação a estética corporal na moda é de cunho psicológico, onde mulheres que não apresentam a formatação de um corpo magro e esguio sentem-se excluídas e sem representação nas mídias e na sociedade de uma maneira geral.

O corpo gordo feminino, sempre esteve à margem desse sistema. A mulher gorda foi, por muito tempo, invisibilidade, estigmatizada e associada a discursos de descuido e falta de controle, todos carregados de preconceitos sociais e gordofobia. Sem esquecer dos produtos de vestuário que em sua maioria são pensados e projetos para corpos entendidos, erroneamente, como corpos ideais. Isso impacta diretamente na autoestima, na autonomia e no direito básico dessas mulheres de se expressarem por meio da vestimenta.

Diante disso, este artigo apresenta a primeira parte de uma pesquisa de mestrado que tem como temática principal uma análise do corpo gordo feminino considerando tudo o que envolve suas necessidades vestíveis, como formas, medidas e modelagem abrangendo todas as relações do vestuário com a usuária. O texto possui um caráter qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem bibliográfica e documental. Foram analisadas produções acadêmicas, livros, artigos, além de relatórios e observações gerais do mercado de moda contemporâneo. A análise seguiu uma perspectiva crítica, amparada nos estudos culturais e na teoria crítica da moda. Foi considerado como limitação à carência de dados quantitativos específicos sobre consumo, produção e comportamento de mercado voltados ao segmento *plus size* no Brasil.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

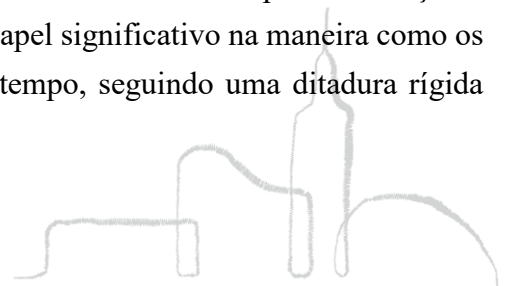
Para atingir o objetivo da discussão aqui proposta, este artigo foi dividido em três partes centrais além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte chamada de “A estética da moda” apresenta-se uma cronologia das formas na moda considerando a produção em massa, que se deu a partir da 1ª Revolução Industrial, como ponto de partida. Neste capítulo fica evidente a importância da padronização dos corpos, para a configuração da silhueta na moda, que trata da leitura visual do corpo vestido. Na segunda parte chamada de “A marginalização do corpo gordo feminino” discute-se a pouca representatividade do corpo gordo feminino na moda de uma forma geral, onde este corpo não é entendido em sua totalidade, pois ainda sofre preconceito e discriminação até os dias atuais, sendo visto como um corpo marginalizado. Na terceira parte chamada de “Abaixo a ditadura dos corpos” levanta-se a moda como um movimento importante para ajudar a criar uma visão mais inclusiva e equitativa na sociedade com relação aos corpos gordos femininos. E por fim, nas considerações finais apresenta-se um resumo do que foi discutido ao longo do texto, com uma breve análise das descobertas feitas durante do percurso.

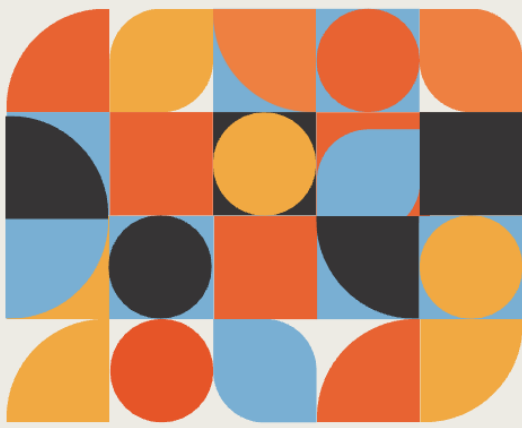
2. A ESTÉTICA DA MODA

De acordo com Foucault (2013) o corpo é o ator principal de todas as suas utopias, onde ele por si só acaba construindo seus próprios fantasmas através da performance de subjetividades onde molda e materializa o ser humano através do que veste, come e usa como atributo de beleza. Ou seja, a corporeidade se aprisiona através de cobranças internas e externas que julgam e condenam aqueles corpos que não seguem um determinado padrão.

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo. (FOUCAULT, 2013, p.10)

Foucault (2013) descreve o corpo como um espaço utópico porque ele é o ponto de interseção entre o mundo interior e o exterior, que está constantemente sendo vigiado, disciplinado e controlado pelas estruturas de poder e pelas normas sociais. Desta forma, podemos analisar também o aprisionamento do corpo com relação a cobrança estética da moda. Onde a evolução das formas na moda tem um papel significativo na maneira como os corpos femininos são percebidos, moldados e aprisionados ao longo do tempo, seguindo uma ditadura rígida





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

imposta pela sociedade que busca a perfeição a todo custo. Desde os espartilhos⁴ do século XIX até os padrões contemporâneos de beleza, a moda não apenas reflete, mas também, constrói e regula as normas sociais em relação aos corpos femininos.

Segundo Lipovetsky (2013), a moda enquanto fenômeno social e cultural, se concretizou no fim da Idade Média e início do Renascimento, por volta do século XIV. Neste período houve uma crescente valorização da individualidade e da expressão pessoal. As pessoas começaram a se diferenciar umas das outras através de suas roupas, não apenas em termos de classe social, mas também, de gosto pessoal. O crescimento das cidades e o surgimento de uma classe mercantil burguesa também contribuíram para a difusão da moda.

Porém, foi somente a partir da 1ª Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra por volta de 1760, que a moda teve o seu impacto profundo, em função da substituição da manufatura pela maquinofatura. Segundo Lipovetsky (2013), a Revolução Industrial introduziu novas tecnologias e métodos de produção em massa que revolucionaram a fabricação de roupas. As máquinas de costura e a tecelagem mecanizada permitiram a produção de vestuário em grande escala, reduzindo os custos de fabricação, tornando a moda acessível para um público mais amplo considerando também as classes médias e trabalhadoras. Com a popularização da moda, o corpo feminino continuou atrelado aos padrões de beleza de cada época, configurando silhuetas⁵ e estéticas diferenciadas para cada período.

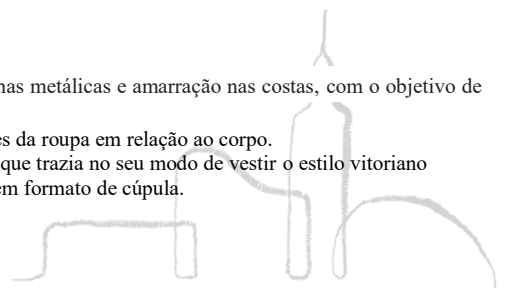
Durante o século XIX e início do século XX, a moda feminina era caracterizada pelo uso de espartilhos, que moldavam o corpo apertando bastante a cintura para afinar a região realçando os quadris e o busto. Segundo Sousa (2001), essa estética valorizava a forma de uma ampulheta, associada à feminilidade e à virtude moral. Já entrando no século XX, os anos de 1920 trouxeram uma revolução estética com uma forma mais retilínea para o vestuário feminino acompanhando o contorno do corpo com o estilo das melindrosas. As mulheres passaram a usar vestidos mais soltos, com cinturas baixas e silhuetas retangulares que contrastavam com as formas curvilíneas da era vitoriana⁶. (NERY, 2003)

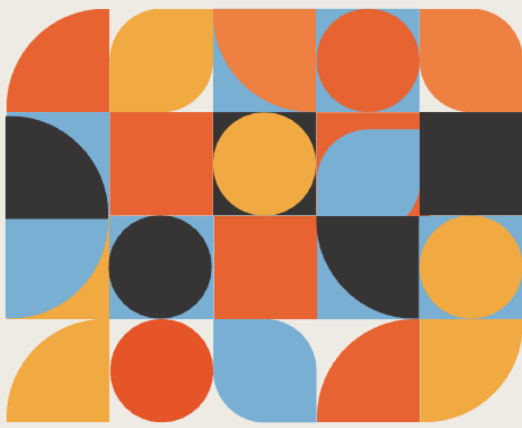
Nos anos de 1940 o movimento da primeira guerra mundial interfere diretamente no vestuário trazendo a roupa prática e utilitária para substituir a estética glamorosa dos anos anteriores. Segundo Nery (2003, p.231) “O tailleur parecendo uniforme virou costume universal da mulher, com ombros largos, saia mais curta e estreita”.

⁴ **Espartilho** – trata-se de uma peça do vestuário feminino usada por baixo dos vestidos que dispõe de barbatanas metálicas e amarração nas costas, com o objetivo de reduzir a cintura e manter o tronco ereto, manipulando as formas naturais do corpo.

⁵ **Silhueta** – trata-se do contorno do corpo vestido, considerando o comprimento, largura, volume e as proporções da roupa em relação ao corpo.

⁶ **Era Vitoriana** – representa o período do reinado da Rainha Vitória do Reino Unido, que foi de 1837 a 1901, e que trazia no seu modo de vestir o estilo vitoriano caracterizado pelo uso de vestidos estilizados com mangas longas, troncos esguios e saias com grande volume, em formato de cúpula.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Após a Segunda Guerra Mundial, Stevenson (2012) afirma que a moda dos anos 1950, foi popularizada por designers como Christian Dior que voltou a valorizar a silhueta ampulheta com o "New Look", que era um modelo de duas peças com *tailleur* acinturado acompanhado de uma saia godê⁷ com a cintura também afunilada. A estética corporal feminina da década de 50 foi direcionada para os corpos curvilíneos que apresentavam cintura fina, quadril largo e coxa grossa. Basta lembramos da memorável atriz e cantora Marilyn Monroe, e das misses Brasil Martha Rocha e Vera Fischer.

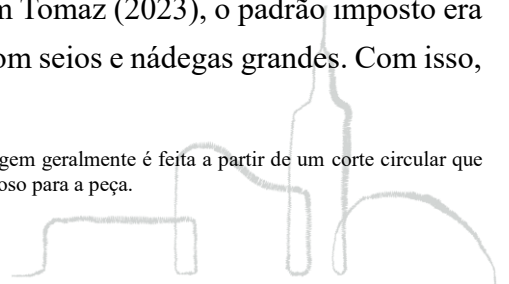
Nos anos de 1960 e 1970, proclama-se a libertação dos corpos com a busca por liberdade de expressão e sexual. De acordo com Nery (2003), essas décadas trouxeram uma variedade de silhuetas diversificadas, desde minissaias e vestidos tubinhos, até roupas largas e fluidas influenciadas pelo movimento hippie. Foi um período marcado pela quebra de tradições rígidas com a aparição da moda unissex que configurou a necessidade de roupas mais amplas e democráticas. Essa quebra de tradições através do vestuário que se deu neste período, foi também motivada pela rigidez da ditadura militar, que impunha padrões de comportamento. Diante disso, a população começou a se rebelar através do vestuário, e a moda começou a refletir um pouco mais sobre a aceitação da diversidade de formas corporais, embora ainda houvesse uma prevalência de ideais específicos, como a figura magra e andrógina popularizada por modelos da época.

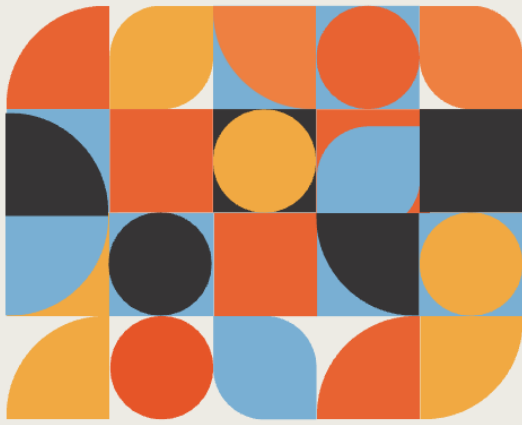
Os anos 1980 introduziram a cultura do fitness na moda, com uma ênfase em corpos tonificados e atléticos. Roupas esportivas e tecidos elásticos se tornaram populares no guarda-roupa feminino. A mídia desempenhou um papel crucial na disseminação deste ideal corporal, com a proliferação de vídeos de exercícios e celebridades fitness que moldavam as expectativas sobre o corpo feminino, como é o caso da americana Jane Fonda. No Brasil, as modelos brasileiras Luiza Brunet, e Monique Evans ditavam a estética corporal da época. (TOMAZ, 2023)

Os anos de 1900 e 2000, marcaram uma época de diversidade e contradições. Enquanto nos anos 1990 houve a ascensão do "heroína chic", que segundo Tomaz (2023) configurava uma estética extremamente magra e pálida, de olheiras sob os olhos, cabelos finos e estrutura óssea angular, em contraste com a figura atlética da década anterior. Simultaneamente, supermodelos como Cindy Crawford representavam um ideal de beleza mais curvilíneo e glamoroso.

Ainda nos anos 2000 a moda começou a incorporar uma maior diversidade de corpos, com campanhas que promoviam a inclusão de diferentes tipos físicos. Porém, de acordo com Tomaz (2023), o padrão imposto era alcançado com uma barriga chapada, aparentando uma magreza saudável com seios e nádegas grandes. Com isso,

⁷ **Saia godê** – Trata-se de um modelo de saia com a cintura ajustada e ampla na parte da bainha. A sua modelagem geralmente é feita a partir de um corte circular que pode ter 180 graus ou 360 graus, dependendo do volume desejado, o que caracteriza um caimento fluido e volumoso para a peça.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

o mercado da cirurgia plástica se torna um grande aliado para alcançar o corpo desejado. No entanto, ideais de magreza ainda prevaleciam em muitos setores da moda, basta lembrarmos do sucesso e do reconhecimento que teve a modelo brasileira Gisele Bündchen de 1,80m de altura com seu corpo esbelto e retilíneo.

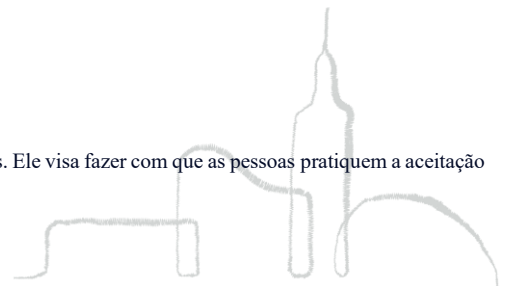
Figura 1. Gisele Bündchen, modelo brasileira reconhecida nos anos 2000.

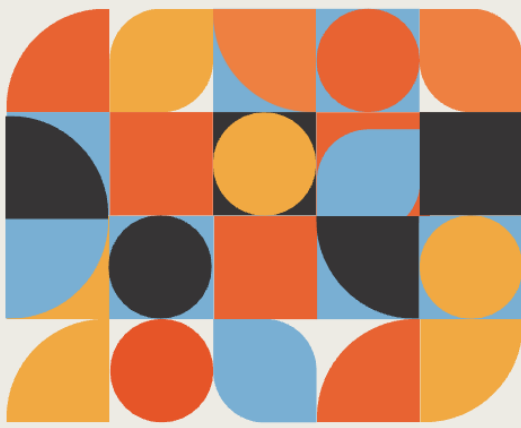


Fonte: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/05/gisele-bundchen-volta-mostrar-curvas-em-campanha-de-sua-linha-de-lingerie.html>, 2015.

Já o século XXI, apresenta a busca pela boa forma implementada na década de 80, e cultuada de forma mais intensa garantindo corpos femininos com barriga chapa e músculos bem definidos como verdadeiras esculturas. Além disso, este século vive também a impulsão do movimento *body positivity*⁸ que ganhou força, promovendo a aceitação e a celebração de todos os tipos de corpos, o que configura uma certa preocupação com a diversidade e a inclusão na moda contemporânea.

⁸ *body positivity* – é movimento social que iniciou na década de 60, e que tem ganhado destaque nos tempos atuais. Ele visa fazer com que as pessoas pratiquem a aceitação do próprio corpo, sem precisar se encaixar em padrões estéticos.





3. A MARGINALIZAÇÃO DO CORPO GORDO FEMININO

Como foi visto anteriormente, a indústria da moda tem um histórico de padrão de beleza associado à magreza, que muitas vezes é fortemente influenciado por tendências internacionais. Logo, a pressão para se alinhar às normas globais pode enfraquecer os movimentos sociais que promovem a diversidade corporal.

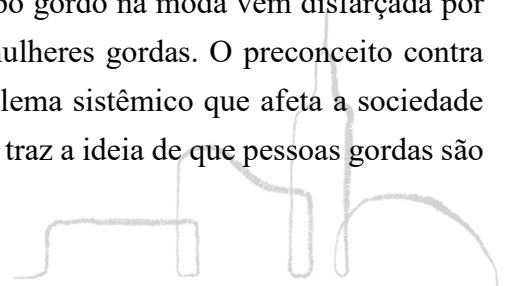
Desse modo, o corpo se constitui como força de produção onde o corpo magro foi construído historicamente por hierarquias que o classificam como obediente às normas de beleza identificando como padrão, e de outro lado, o corpo gordo foi constituído como desobediente, rebelde e desviante, o que o excluiu do meio social dominante. (AIRES, 2019, p.29)

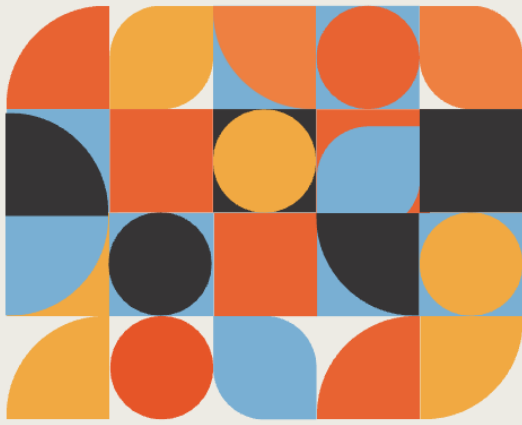
Para Butler (2019) a materialidade dos corpos não é uma base fixa, mas sim uma base constantemente moldada e reconfigurada por meio de discursos normativos. O que nos traz a reflexão sobre o corpo gordo feminino dentro deste contexto social e político que normatiza a moda do século XXI. Atualmente há um movimento pela inclusão da diversidade dos corpos na moda, porém ainda é perceptível que este entendimento sobre o corpo gordo feminino em sua totalidade não é real.

A representação de corpos diversos, incluindo corpos gordos, ainda é limitada na moda brasileira. Modelos *plus size* e representações positivas de mulheres gordas são raras nas passarelas, campanhas publicitárias e editoriais de moda. Essa falta de representação perpetua a ideia de que apenas um certo tipo de corpo é aceitável ou desejável, o que reforça o discurso da imposição da ditadura estética dos corpos no universo da moda. Além disso, é muito comum encontramos nos canais de comunicação, de uma maneira geral, especialistas de moda falando sobre como disfarçar as imperfeições do corpo através do uso de roupas. São recomendações focadas em direcionar as mulheres para um mesmo padrão corporal que prima por uma estética de magreza e corpos perfeitos.

Observando imagens publicitárias relacionadas ao mercado *plus size* que aparecem nas mídias, nos últimos anos, vemos a tentativa de dar uma representatividade positiva à mulher "gorda" na sociedade contemporânea. Não obstante, dentro de uma visão mais crítica e atenta ao problema da gordofobia, podemos questionar qual mulher gorda está sendo realmente representada e qual está sendo excluída. (JIMENEZ e PINÓRIO, 2021, p.176)

Segundo Jimenez e Pinório (2021), essa representatividade do corpo gordo na moda vem disfarçada por um corpo com curvas que não representa uma parcela considerável de mulheres gordas. O preconceito contra pessoas gordas, que é denominado como gordofobia, trata-se de um problema sistêmico que afeta a sociedade como um todo, incluindo a indústria da moda. Esta aversão ao corpo gordo traz a ideia de que pessoas gordas são





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

inferiores e menos saudáveis em relação a pessoas magras, e pode manifestar-se de várias formas incluindo atitudes discriminatórias por parte de designers, produtores e varejistas, que acabam relutando em associar suas marcas a corpos gordos.

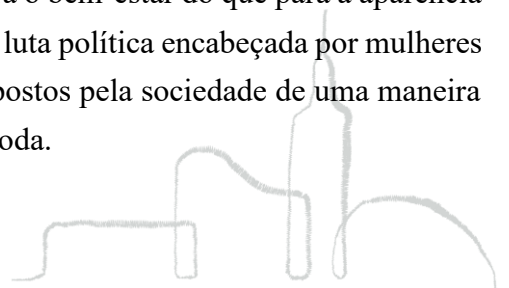
4. ABAIXO A DITADURA DOS CORPOS

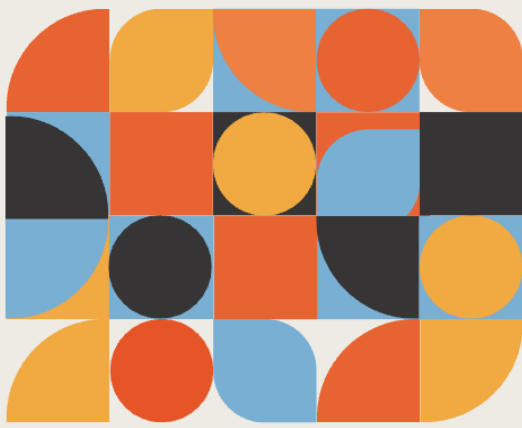
Como já foi dito anteriormente, o termo ditadura aqui apresentado se refere aos padrões corporais rígidos e excludentes que influenciaram historicamente a indústria da moda, impondo um corpo ideal entendido como magro, jovem e branco. Logo, essa sessão se configura como um grito de resistência a esta opressão trazendo alguns pensadores que falam da liberdade dos corpos, especificamente sobre o corpo gordo feminino e seu espaço dentro do universo da moda.

Michael Foucault (1987), em seu livro “Vigiar e Punir” discute a respeito do investimento político sobre o corpo. Para o autor, o corpo está diretamente mergulhado no campo político, e assim refletir sobre o corpo é tratar de classificações, sistemas de poder e controle, que o regulam, além de questões como gênero e visibilidade, que põe em contato limites, limiares e divergências. Neste texto Foucault (1987) faz uma analogia do corpo voltado para a história da violência nas prisões, que pode ser comparada com a prisão que o corpo feminino sofre para se encaixar nas ditaduras de beleza de cada época.

A moda tem a possibilidade de contribuir para criar uma visão mais inclusiva e equitativa da sociedade com relação aos corpos gordos femininos, pois desempenha um papel importante neste processo quando garante que uma mulher gorda use roupas que a façam se sentir bem. De acordo com Jimenez e Pinório (2021) as mulheres gordas passam por experiências traumáticas com o vestir desde cedo, começando com os uniformes escolares, passando para os uniformes de trabalho, e chegando nas roupas de festa. As autoras afirmam que, infelizmente, são muitas as ocasiões com grande potencial de conversão em experiências traumáticas no momento da compra de roupas para mulheres gordas.

A manifestação do movimento *body positivity* nos dias de hoje também é outro ponto importante que pode ajudar a enaltecer a significação dos corpos gordos femininos na moda. Trata-se de um movimento que prevalece o amor-próprio, mostrando que a beleza é feita para todos olhando mais para o bem-estar do que para a aparência física. Além deste movimento que promove a autoaceitação, é perceptível a luta política encabeçada por mulheres com corpos gordos que se rebelaram em relação aos padrões de beleza impostos pela sociedade de uma maneira geral, e que começaram a ter uma certa representatividade na mídia e na moda.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A modelo *plus size* Flúvia Lacerda iniciou sua carreira no ano de 2003 em Nova York tornando-se a primeira modelo *plus size* a alcançar o posto de top model internacional, o que fez dela a maior modelo *plus size* do Brasil. No ano de 2017, ela lançou o livro “Gorda não é palavrão”, como um manifesto inspirador de autoaceitação. Hoje, a autora se dedica a projetos para a democratização da moda, pois afirma que a acessibilidade em relação a moda para mulheres gordas no Brasil ainda é vergonhosamente escassa.

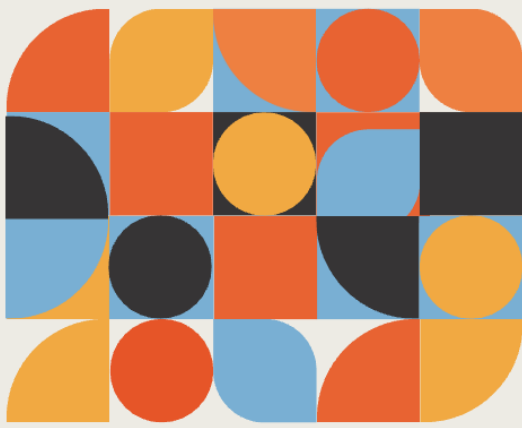
Figura 1. Capa do livro da modelo Flúvia Lacerda “Gorda não é palavrão”.



Fonte: Lacerda (2017, capa).

Já a jornalista Alexandra Gurgel é representante do movimento corpo livre no Brasil. Gurgel (2021), como ativista do movimento corpo livre compartilha nas redes sociais todos os tipos de conteúdo com discussões sobre gordofobia, autoaceitação, padrões estéticos e muito mais. No ano de 2018 ela lançou o livro “Pare de se odiar”, com o objetivo de ajudar as leitoras a trilhar o caminho do amor-próprio construindo uma autoimagem mais positiva que se tornou um best-seller. E em 2021 lançou seu segundo livro “Comece a se amar”, buscando incentivar o movimento do corpo livre na desconstrução da ditadura dos corpos imposta pela moda.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

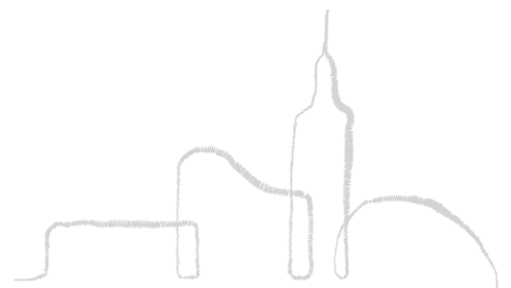
Figura 2. Capa dos livros da jornalista Alexandra Gurgel, lançados em 2018 e 2021.

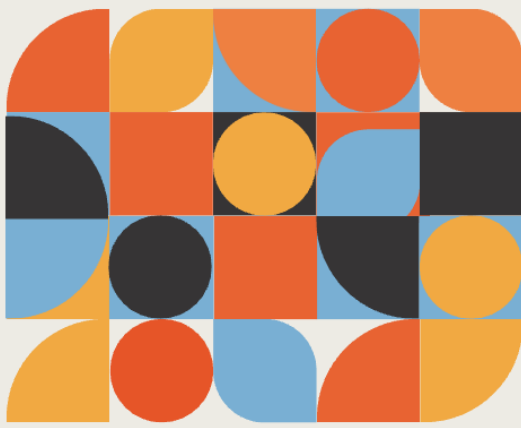


Fonte: Gurgel (2018, capa) e Gurgel (2021, capa)

Saber reconhecer e celebrar a diversidade dos corpos abrindo espaço para uma moda realmente inclusiva não é um trabalho fácil. Afinal, a ditadura estética dos corpos na moda é um reflexo de padrões culturais e sociais profundamente enraizados que privilegiam a magreza por muitas décadas. Superar essa repressão já imposta por tanto tempo requer um esforço conjunto entre a mídia, a indústria da moda, ativistas e consumidores.

Embora haja um movimento crescente em direção à inclusão e à diversidade no contexto da moda, ainda há a persistência de uma resistência significativa. Iniciativas de inclusão, como o uso de modelos *plus size* e a criação de linhas de roupas para diferentes tipos de corpos, estão ganhando espaço, mas enfrentam oposição de partes da indústria do vestuário que preferem manter o status de vestir corpos caracterizados como padronizados, que seguem a uma tabela de medidas corporais industrial, pois isso garante eficiência na produção e redução de custos. Criar roupas para variados tipos de corpos, incluindo principalmente os corpos gordos, requer ajustes e investimentos adicionais em design e produção que nem sempre os empresários da moda estão dispostos a fazer.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

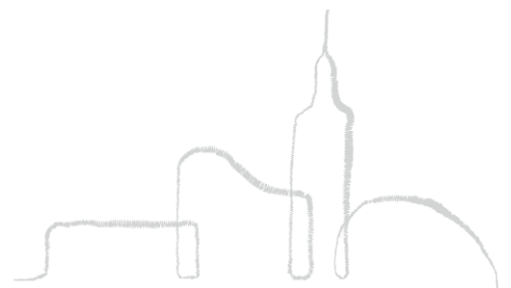
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

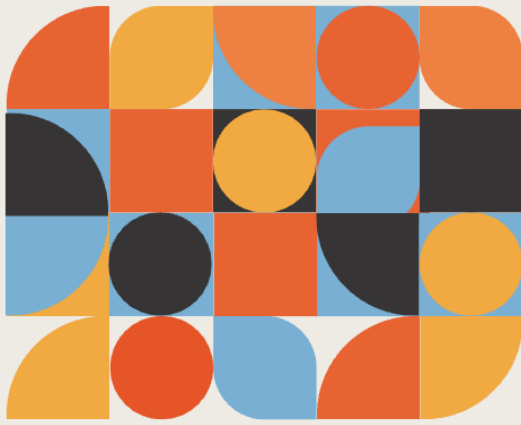
A estética na moda evoluiu significativamente ao longo dos séculos, refletindo e moldando as normas sociais sobre os corpos femininos sempre se pautando na magreza e nos corpos esculpidos com contornos suaves e curvas simétricas. De espartilhos restritivos a movimentos de inclusão, a moda tem desempenhado um papel crucial na definição dos ideais de beleza e na construção social dos corpos femininos. Hoje, a busca por uma moda mais inclusiva e diversificada continua desafiando as concepções tradicionais e promovendo a aceitação de uma ampla variedade de formas corporais que abrange principalmente os corpos gordos femininos, saindo daquele estereótipo dos corpos perfeitos.

Diante disso, o corpo está diretamente mergulhado num campo político onde as relações de poder se apoderam imediatamente de sua estrutura, exigindo que este corpo siga normas e regras impostas pela sociedade com relação a padrões de beleza já enraizados por muitas décadas. O corpo por si só, vive sua utopia criando seus fantasmas e suas limitações, e assim restringe os espaços da diversidade e da inclusão de novas formas, o que acaba formulando processos que discordam do movimento do corpo livre e da moda para todos.

Entender que a diversidade corporal deve ser celebrada, e não marginalizada, para que todos possam se sentir representados e valorizados, não é um caminho fácil. Por isso, a busca deste espaço para que o corpo gordo feminino seja plenamente entendido e valorizado na moda brasileira, deve ser conquistado com muita cautela e sabedoria envolvendo o esforço conjunto de diversos setores da sociedade.

Logo, as descobertas desta etapa da pesquisa indicam que a moda, historicamente, reforça padrões corporais excludentes, vinculando beleza, saúde e sucesso à magreza. A mulher gorda, dentro desse contexto, sofre processos de apagamento simbólico e material, com ausência de representatividade e produtos adequados. Observa-se que, embora existam avanços nas discussões sobre diversidade, a inclusão do corpo gordo feminino na moda ainda se dá de maneira limitada, frequentemente associada a nichos específicos, e não integrada plenamente às práticas convencionais da indústria. O que reforça a necessidade de revisão das práticas do designer de moda, considerando modelagens específicas, treinamento técnico e sensibilidade cultural por parte dos profissionais do setor.





REFERÊNCIAS

- AIRES, Aliana. **De gorda a plus size**: a moda do tamanho grande. Barueri/ SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do sexo. São Paulo: Crocodilo, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**: As heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. 3. ed. Santana de Parnaíba/ SP: BestSeller, 2018.
- GURGEL, Alexandra. **Comece a se amar**. Santana de Parnaíba/ SP: BestSeller, 2021.
- JIMENEZ, Maria Luisa. PINÓRIO, Luciana. **Se não me cabe não me serve**: gordofobia na moda *plus size*. Revista Dobras, nº33, set/nov, 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1437/728>. Acesso em: maio de 2024.
- LACERDA, Flúvia. **Gorda não é palavrão**: Como ser feliz gostando do seu corpo como ele é. Osasco/SP: Paralela, 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seus destinos nas sociedades modernas; tradução de Maria Lucia Machado. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária**: subsídios para a criação de figurino. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.
- REVISTA QUEM. **Gisele Bündchen volta a mostrar curvas em campanha de sua linha de lingerie**. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/05/gisele-bundchen-volta-mostrar-curvas-em-campanha-de-sua-linha-de-lingerie.html>. Acesso em: 18 de jul. de 2024.
- SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- STEVENSON, N. J.; tradução: BORGES, Maria Luiza X. de A; MARCIER, Luiza. **Cronologia da moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- TOMAZ, Valéria Dinis. **Padrões de beleza e o corpo feminino**. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/57662/4/Padr%c3%b5esdeBeleza_Tomaz_2023.pdf. Acesso em: 2 de jun. de 2024.

